

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Assistência

Carece a nossa numerosíssima população operária de organizar o seu modo de viver de maneira a estar apta para o desempenho da sua nobre missão, para se couraçar contra a invasão mórbida e para nos dar gerações fortes, sã-dias, cujo braço vigoroso e enérgico seja uma poderosa alavanca do progresso de Guimarães.

O problema de assistência tem uma capital importância e a sua solução deve ser enfrentada sob vários pontos de vista.

Assim há que atender ao estado habitacional das classes destituídas de meios; vigiar o seu modo de alimentação; cuidá-las nas suas doenças; educá-las para a vida social e profissional; fiscalizar o seu trabalho, velando por que êle se faça com tôdas as condições higiénicas; coibir os abusos inerentes ao seu «modus vivendi».

As habitações operárias que por aí vemos são geralmente destituídas de tudo quanto é necessário à vida: a maior parte delas não tem ar, não tem luz, não tem cubagem suficiente para o número de indivíduos que aloja, não tem aceio nem limpeza.

Não falaremos já em mobiliário porque êsse é quasi artigo de luxo: o que existe, quando o há, é muito primitivo e pouco próprio para os fins a que se destina.

Resolver o problema da habitação, é pois o primeiro passo para a assistência.

E' preciso que a casa onde o pobre trabalhador se vai recolher com a sua família, satisfaça aos requisitos da hygiene e deixe de ser um foco, ameaçando sempre a sua saúde. Não precisa o operário do luxo, da pompa, dos prédios grandiosos, das mobílias caras, mas requer uma pequenina habitação que a luz banhe completamente; onde o ar penetre com toda a sua pureza e onde os seus pulmões possam respirar sem receio de entoxicação; com a superficie bastante para que êle e os seus não tenham de viver em tremenda aglomeração e perigosa promiscuidade; e com a possibilidade de conservá-la limpa e assejada.

Assim instalado, pode o nosso obreiro ter alegria de viver e desejo de progredir, para o que procuraremos que não lhe falte a energia física que êle vai buscar à alimentação.

E não é difficil de solucionar esta segunda parte. A sua parca bolsa indica-lhe que lance mão dos géneros de menor preço.

Basta portanto exercer uma fiscalização rigorosa, metódica, com critério, sem violências nem abusos, dos produtos alimentares que circulam no mercado, para que êles não sejam destituídos das propriedades nutritivas.

Onde está ela?

É esta uma pergunta que anda de boca em boca dos associados da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

*

Uma pequena e ligeira reconstituição.

Havia anos já que em Guimarães se creou um agrupamento, denominado "Pro Vimarane", e que era constituído por duas dúzias de rapazes que em momentos oportunos agitavam os problemas de mais interesse para esta terra.

Da sua obra que ficava sempre meia oculta num plano secundário, alguma coisa, mesmo muita coisa ficou.

Certo dia, porém, êstes rapazes que não pediram a ninguém licença para se organizarem em acérrimos defensores da sua terra, pois nem sequer estatutos tinham, por entender que deles não precisavam, sobrepondo sempre a acção ao palavriado escrito ou falado, foram procurados por alguém para constituírem a S. de D. e P. de G., colectividade que substituiria aquele Grupo e que devia gosar das prerogativas da máxima legalidade.

Ideia interessante esta, foi logo aceite e a S. de D. e P. de G. fêz-se ...

*

Fêz-se? E onde está ela?

Francamente, a resposta não é fácil.

Mas, se a resposta não é fácil, a solução do assunto afigura-se-nos facilíma.

Tomem os moços, veteranos do "Pro Vimarane", o encargo de lhe dar uma abraçada e estamos certos que é assunto arrumado em poucos dias.

Verão.

Protecção aos animais

A Sociedade Protectora dos Animais, da cidade do Pôrto acaba de crear uma Delegação neste concelho cuja comissão é constituída pelos seguintes cidadãos: Presidente e Delegado perpétuo, António Augusto Leite Lôbo, Vice-Presidente, P.º Alfredo João da Silva Correia, Secretário, António Vieira de Andrade, tesoureiro, Alfredo José de Sousa Félix, vogais, Henrique Gomes e Luis Gonzaga Pereira.

Esperamos que a sua acção se faça sentir em beneficio dos animais que são o auxiliar do homem e que por ignorância ou malvadez são muitas vezes vítimas de maus tratos e barbaridades verdadeiramente repugnantes para uma terra que tem o dever de ser civilizada.

Pelas Taipas

Por mais que queiramos lançar a um absoluto desprêso o lazerento correspondente desta localidade para o «Ecos de Guimarães» torna-se nos inteiramente impossível deixar sem reparo a série constante de baboseiras que êle escreve e aquêle jornal publica.

Há dias, por exemplo, lemos naquele jornal, uma correspondência na qual o talentoso vigarista se insurgia contra certos *espertalhões* que — diz — sem respeito nenhum pelos haveres dos outros assaltam as propriedades particulares, roubando uvas e frutos e porque os donos ou seus encarregados os vigiam ou lhes apareçam no momento, correm nos ainda para complemento das suas grandes façanhas, á pedra e tiro, e chama a atenção da autoridade para a repressão de tais abusos.

Ora nós que somos adversos também a todos os abusos, secundando aquêle pedido, rogamos ao Ex.º Administrador do Concelho que envide todos os seus esforços no sentido de conseguir no mais curto prazo o restabelecimento do Sub-Posto da G. N. R. nesta povoação, cuja falta se vem sentindo há muito tempo.

E' absolutamente necessário que a Guarda venha não só para pôr termo a desordens e abusos de toda a ordem que diariamente vão succedendo, como para meter na ordem certo vádio sem dinheiro nem modo de vida que também tem disparado tiros em plena rua e que exprimiu no «Ecos» o seu grande contentamento pela retirada da Guarda.

E', pois, preciso e muito preciso que a Guarda venha para corrigir os actos de um conhecido vigarista cujo nome anda sempre ligado a toda a casta de patifarias e que, embora não assaltando propriedades para roubar frutas, assalta a carteira dos amigos extorquindo-lhe o dinheiro, que é bem peor.

Causou também calafrios no inclito correspondente o toque dos clarins dos bombeiros que fazendo exercício de marcha pelas ruas da povoação fôra por êle tomado como uma acintosa provocação.

Isso é que não, sr. correspondente!

Os bombeiros não provocam, não desejam provocar ninguém, nem o seu Comandante, pessoa de toda a respeitabilidade na povoação, por temperamento e por educação permitir tal coisa; mas não pode attribuir-se-lhe a culpa de algum sonho mau que porventura tivesse nessa noite com o tal brasileiro de Vieira, levantando-se mal humorado e que, ao ouvir os toques de clarim ficasse em sobresalto, supondo a aproximação de alguma força militar para o prender!

Estes sonhos são o diabo!... Nós que conhecemos perfeitamente o feito do sr. correspondente, deixá-lo-hemos dizer sempre da sua vontade e estamos

República!

Não tenham ilusões...

A República está na alma do povo. A manifestação que o povo de Lisboa fez á bandeira verde-rubra, que flutuou ao vento no dia da revolução do 5 de Outubro, é uma prova eloquente que a massa popular quer a República, como a amaram e apostolizaram os grandes mestres da democracia portuguesa.

Os vivos á Liberdade, dados por mais de oitenta mil pessoas, traduzem a sua grande mágua de ainda no século XX, se verem enleados e amordaçados na sombra, da seita que nunca perdôa — o jesuitismo.

Os vivos á República que no dia 5 de Outubro se soltaram, responderam as aclamações que saudaram o novo regimen — antes da sua implantação.

O povo aneia pela realização das suas aspirações que no 5 de Outubro de 1910, julgou ser victoriosas e dominadoras; deseja a República, como expressão da alma nacional — expressão e expansão, pois o motivo principal da queda da monarchia foi a estreiteza dos moldes em que ella apertava a força progressiva do paiz; quer a República forte, que não abdique perante os seus inimigos dos princípios e das normas que a devem regular; quer a República apta a enfrentar os graves problemas da nacionalidade com orientação serena e directivas seguras e capaz de tornar-se uma energia de educação e de exemplo para todos os cidadãos.

Um povo que concentra na República toda a sua fé em melhores dias para a nacionalidade portuguesa, é um povo que deseja avançar e progredir dentro das normas do possível, e que jámais pensa em voltar a velhas formulas, cuja história nos ensinou a repudiar, por os dias tristes que trouxeram para a nação.

Não tenham ilusões.

A monarchia não volta mais.

A. C.

certo de que não será necessário a bala — por si tão desejada — para o fazer calar; os cães deixam de latir por qualquer coisa; até dando-se-lhe uma cõdea...

O que lamentamos é que não tenha tido o necessário sangue-frio e a sufficiente robustez para na cama ouvir os toques aguerridos dos clarins que tanto susto lhe pozeram!

X. Z.

**Escola Industrial e Comercial de
"Francisco de Holanda,"**

Como anunciamos em o numero anterior de «A Velha Guarda» realizou-se no passado dia 8 do corrente, na Escola Industrial e Comercial desta cidade, a sessão solene de abertura das aulas, sendo, por essa ocasião, distribuídos os premios pecuniários, honoríficos e menções honrosas, aos alunos que mais se distinguiram naquele estabelecimento de ensino, no ano lectivo findo.

Constituída a mesa, sob a presidência do Ex.^{mo} Vice-presidente da C. A. da Camara Municipal, Sr. José de Magalhães e Couto, que convidou para secretariarem os professores da Escola Srs. Drs. Gilberto Pereira e João de Oliveira Bastos, foi dada a palavra ao nosso illustre correligionario Sr. Abel Cardozo, Director da Escola, o qual proferiu a seguinte allocução:

Sr. Representante da Camara; Illustres Colegas e Meus Senhores:

Desejo que as minhas primeiras palavras sejam de agradecimento ao digno representante da Comissão Administrativa da Camara Municipal, pela subida honra da sua comparência a esta modestissima sessão, quasi familiar, o que faço sinceramente reconhecido por tão manifesta prova de consideração, correspondendo Sua Ex.^a gentilmente ao convite que, para esse fim, me foi grato dirigir ao Ex.^{mo} Presidente da mesma Comissão.

Pôsto isto, inqualificável ingratidão seria deixar de salientar como importantísimos factores, na vida e progresso desta Escola, o gesto por todos os modos digno dos maiores louvores, da já distante Camara de 1887 dando, por assim dizer, início á nossa Escola pela compra do terreno em que foi construído este magnifico edificio, compra que actualmente representaria a importante soma de 150 contos, pelo menos; e bem assim, 40 anos mais tarde, em 1927 portanto, o gesto criterioso que levou a dignissima Comissão Administrativa a instituir para incitamento e amor ao estudo professional os premios «Gil Vicente», na importância total de 200000, para 4 dos alunos mais distintos deste estabelecimento de ensino.

Na verdade, estas duas Câmaras tornaram-se credoras da gratidão de todos nós, vimaranenses, pelo incremento que, por intermédio desta Escola, se propozeram levar as indústrias e comércio locais.

Igual preito de justa homenagem e de reconhecimento, devemos á Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Braga que, também em 1927, preza do mesmo rasgo de patriotismo que orientou as duas Câmaras citadas, criou ainda para os nossos alunos o importante prémio de 300 escudos.

De resto, á parte ligeirissimos auxilios prestados por uma ou outra entidade oficial da nossa terra, mais ninguém, durante o longo intervalo que medeia as duas datas, quiz saber da Escola de «Francisco de Holanda,» senão para injustamente a deprimir e vexar.

E, diga-se de passagem, é lamentável que aquêles a quem mais directamente poderiam utilizar e aproveitar os beneficios desta Escola, não tenham sabido ou querido corresponder aos sacrificios dos que por ela se tem interessado, e sejam os primeiros a desdenhar, por vezes com grosseira violência, de tudo quanto representa esforço patriótico ou desinteressado amor ao progresso.

Tais invectivas são dignas de severa censura, principalmente

quando partem de creaturas engratadas, conscientes do mal que estão praticando, e da atmosfera irrespirável que vão criando á volta da nossa Escola, muitas vezes por doentio prazer da maledicência, mas quasi sempre por invejas, ou por ódios mal contidos de tórva politica.

Apesar de tudo, a Escola vai caminhando e caminhará, regressando dentro em breve aos tempos aureos da sua fundação.

Agora como então, a sua frequência, crescente de ano para ano, demonstra-nos claramente que a ância de saber não é letra morta entre as classes modestas do nosso meio, as quais reconhecem bem, que o pão de espirito é a nossa única razão de ser.

E' pois para essas classes que se instituíram os premios que vão ser distribuídos seguidamente pelo Ex.^{mo} representante da Camara aqui presente, solenizando-se por esta forma a abertura das aulas da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda.»

Antes porém, e para terminar, quero dirigir um apêlo aos alunos que se encontram, para que se dediquem, de cada vez com maior intensidade, se é possível, aos estudos que se professam neste estabelecimento, certo de que o resultado do seu esforço não se fará esperar, sendo coroado dos melhores loiros, como se tem verificado já, na vida de muitos dos melhores trabalhadores desta terra que tem procurado nesta Escola elevar se pelo estudo.

Desejo saudar e felicitar os estudantes que nesta sessão vão receber a justa recompensa do seu trabalho escolar no ano lectivo findo, o que faço com a maior satisfação e sob a impressão grata e extranha de também nós professores sermos premiados.

Na realidade, compartilhamos sempre da alegria que enche a alma dos nossos alunos, mormente quando é provocado como no presente caso, até certo ponto, pelo resultado dos nossos próprios esforços.

Assim pois, a minha saudação e as minhas felicitações, são extensíveis aos meus Ex.^{mos} colegas, Illustres professores desta Escola.

Enviando daqui os meus agradecimentos á Digna C. A. da Camara Municipal esperamos, da sua alta cultura, elevado criterio, e são patriotismo, que não deixará de seguir na esteira dos verdadeiros amigos deste estabelecimento de ensino, tornando-o modelar como merece o Concelho que, neste país, maior actividade industrial desenvolve.

Demais, conhecedor da boa vontade que anima o Digno Presidente da C. A., estou absolutamente certo de que não esquece a promessa feita a esta Escola, em seu officio de 26 de Julho do ano corrente, cujos termos transcrevo e são do teor seguinte:

«Significo a V. Ex.^a que na confeccionação do Orçamento ordinário para o ano Económico de 1928-1929, lembrarei á Comissão a que tenho a honra de presidir, quão justo é que a Camara Municipal de Guimarães contribua, tanto quanto possa, para o bem da instrução, e, neste caso, está a Escola que V. Ex.^a muito dignamente dirige.»

Os alunos, que enchem literalmente o vasto salão, aplaudiram com entusiasmo as palavras que acabavam de ouvir ao seu Director. O Sr. Vice-presidente da Camara procedeu em seguida á distribuição dos premios e menções honrosas, com uma distincção de maneiras e correcção primorosa, aliás de esperar do seu fino trato, que muito cativou os rapazes contemplados, aquem felicitava com extrema cortezia.

Findo este acto tocante o nosso illustre conterrâneo Sr. Dr. Eduardo de Almeida, encontrando-se no salão, como nós por mero

acaso, pois não houve convites especiais a não ser aos representantes das entidades instituidoras dos premios pecuniários, produziu um bellissimo improviso, vibrante e caloroso, incitando os alunos presentes, á continuação do estudo, sem esmorecimentos, pois muito há a esperar do ensino tecnico entre nós. A assistencia que já tinha recebido com uma prolongada salva de palmas o eloquente orador, ao iniciar o seu magnifico discurso, redobram em quentes manifestações de aplauso ditas que foram as suas ultimas palavras. E assim fechou, verdadeiramente com chave de ouro, tão simpatica quão utilissima festa, apóz a qual S. Ex.^a o Vice-presidente da Camara visitou, acompanhado do Director e professor da Escola, a bela exposição dos trabalhos escolares que se encontra patente ao publico, á qual já fizemos justas referencias neste seminario.

S. Ex.^a analisou, com cuidadosa atenção e manifesto interesse, todos os trabalhos expostos, recebendo as melhores impressões.

Dali seguiu ás oficinas da Escola, onde o Mestre Sr. Ildio Ribeiro Dias conserva os maquinismos de fição e tecelagem na melhor ordem, absolutamente limpos da ferrugem que, graças ao dinheirs nacional, lhes ia minando a existencia. Em breve funcionará. S. Ex.^a vivamente interessado por tudo quanto viu e observou na nossa Escola Industrial e Comercial, á qual muito desejaria ligar o seu nome, prometeu fazer quanto possa a bem do seu desenvolvimento, certo de que, dessa forma, contribuiria para o desenvolvimento das indústrias deste laborioso concelho.

Visitou ainda as diversas salas de aulas e laboratorios, retirando plenamente satisfeito.

Eis a nota dos alunos contemplados, a quem dirigimos as nossas sinceras felicitações:

Prémio da Junta Geral do Distrito de Braga — (Curso Industrial) — António de Freitas, 300000.

Prémio «Gil Vicente» — (Curso Comercial) — João da Silva 50000; Abel de Vasconcelos Paços Silva Cardoso, 50000; Domingos André de Magalhães, Prémio honorífico; Américo dos Anjos Costa, Idem. — (Curso Industrial) — Gervásio Gonçalves da Silva, 50000; Alberto de Sousa, 50000.

Mensões honrosas — (Curso Comercial) — Alberto Guimarães, Joaquim Antonio da Cunha Machado, Carlos Teixeira Pinto de Castro, Artur Cesar Fernandes Pinheiro, David da Rocha Braga, Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, Manuel Pinheiro, Carlos Ferreira Martins e Maria Leite Guimarães. — (Curso Industrial) — Amílcar José Lopes, Antonio de Oliveira, Cipriano Henriques, José Gomes Alves Ferreira, José Pereira de Lima, Luís de Oliveira Simões, Agostinho Ribeiro, Angelino Pereira Bastos, António da Fonseca Moreira, Maria de Oliveira Mendes Ferreira Braga, Patrício Henriques, Antonio Malheiro Rodrigues, João Teixeira Guimarães, Joaquim Pereira, Manuel da Silva Ribeiro, Ernesto Ribeiro Dias, José da Cunha e Joaquim de Almeida.

Não está certo A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 195

A Comemoração da implantação da República, foi feita em Guimarães, com pompa e entusiasmo, pela grande massa republicana, a que se associaram muitas entidades officiais, que gentilmente aceitaram o convite da Comissão promotora, que, assim soube interpretar os desejos do Governo no sentido de celebrar a gloriosa data de 5 de Outubro.

A Comissão Administrativa da Camara, porém, intendeu não dever colaborar nas festas, nem se fazer representar, não obstante ter sido para isso convidada.

E, caso curioso, a quantia que fez distribuir aos pobres, por intermédio dos párcos das freguesias da cidade, não foi entregue, como era para desejar, no dia 5 de Outubro, nem os contemplados ficaram a saber que deviam á República, aquêlo óbulo.

Somos daquêles que não têm para a actual Comissão Administrativa do Município uma attitude de hostilidade — e não lhe regateamos elogios á sua obra, tendo por tôda e especialmente pelo seu venerando presidente, a maior consideração.

Mas, francamente, não compreendemos a extranha attitude de não colaborar nas festas do Aniversário da República.

AGRADECIMENTO

O capitão Sousa Guerra, agradece aos seus amigos pessoais e políticos, a honra da sua visita e dos seus cumprimentos, por motivo do seu regresso de S. Tomé e torna pública a sua gratidão a todos os que, durante a sua forçada ausência, naquela colónia, lhe deram as melhores provas da sua solidariedade e estima.

Guimarães, 9 de Outubro de 1928.

Henrique Alberto de Sousa Guerra.

AGRADECIMENTO

O abaixo assinado Domingos Alves, 1.º sargento músico do Batalhão de Caçadores n.º 8, vem por este meio e na impossibilidade de o fazer pessoalmente, como era seu desejo, agradecer muito reconhecidamente a todos quantos por ocasião da subscrição aberta a seu favor se esportularam para a mesma cobrindo assim na totalidade a multa imposta ao signatário.

Guimarães, 5 de Outubro de 1928.

Domingos Alves.

**ISMÉNIA AUGUSTA S. L. DE MATOS
MODISTA**

Participa que mudou o seu Atelier de Vestidos e Roupa Branca da Travessa do Monte Pio para a Rua de Gil Vicente, 17 — Guimarães. No próprio interesse de V. Ex.^a, aconselha uma visita ao mesmo, agora completamente transformado. Confecciona pelos últimos figurinos tôda a obra de Senhora e Criança. Encarrega-se de Enxovais para Casamentos e Baptizados. Preços módicos. Execução imediata e perfeita.

A infanta tentou abrandá-los sem resultado; e, fugindo também, veio render-se em Lanhoso. Lavrou-se ali um tratado que a enfeudava na posse de outras terras alem das que já governava. Vê-se por aqui que D. Terêsa tinha boas manhas a proposito. Elas só nada dariam. Mas tinha amigos no seio dos próprios inimigos a viuva do conde falecido. Certo é dizer-se que o ex-alferes do prelado compostelano teve uma inteligente interferencia neste negócio. Havia um ano que vivia na côrte de Guimarães rodeado de apaniguados brilhóstrés e fámulos vendidos. O deus Cupido remoçara uma boa duzia de anos o coração da senhora infanta.

D. Tereza perdeu o sentimento materno; sentimento que as mães tão preciosamente, guardam como o maior tesouro no escrinio sagrado que costuma ser o seu coração. Camões, o imortal cantor da nossa raça, tangeu porisso áesperamente a sua lira e disse:

E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

Este remate de estrofe define com precisão o caracter do sentimento que ia assignalando a nossa independencia.

Quando o Conde D. Henrique foi surpreendido pela morte nas cercanias de Astorga cantava o seu herdeiro uns minguidos três anos, idade que a maioria dos historiadores aceita como plausivel. Nasceu o infante, segundo a tradição vulgar, na risonha vila de Vimaranes, alcacer murado que desafiou muitos anos de preguice e de luta. O pimpolho recebeu, a primeira água benta na amaneirada capelinha de S. Miguel do Castelo.

O destino reservava-lhe um grande papel na historia peninsular. Afonso Henriques era afinal a dedução politica dum sonho inveterado. Foi o esteio formidável da nossa independencia. Filho de pais tão acizados, herdou-lhes as qualidades. Conjecturemos entretanto que, á falha deste illustre guerreiro, alguém tomaria o seu lugar. De tal forma se achava a nossa existencia que a luta pró-independencia seria uma das suas mais lógicas consequencias.

Fôra entregue aos cuidados de Egas Moniz, rico homem de Riba Douro a quem seu pai consagrara amizade de guerreiro. Era este honrado barão um descendente da raça goda; sem mescha nem mancha no generoso sangue que lhe corria nas veias.

(Continúa).

Mário de Souza Menezes

Ainda enfermo, regressou a esta cidade, este nosso bom amigo e prezado correligionario, professor da Escola Industrial. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Dr. Artur Francisco do Couto

Concluiu brilhantemente, na Universidade de Lisboa, o curso do 4.º ano juridico, este nosso prezado amigo e colaborador. As nossas saudações.